

## **MEMÓRIA E LETRAMENTO: UMA EXPERIÊNCIA COM PROFESSORAS ALFABETIZADORAS DO JARDIM GRAMACHO**

Sara Souza da Silva (1); Cleonice Puggian (2)

*(1) Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Programa de Pós-graduação em Humanidades Culturais e Artes (PPGHCA) sarasouzauerj@gmail.com; (2) Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Programa de Pós-graduação em Humanidades Culturais e Artes / Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) - Faculdade de Formação de Professores, cleo.puggian@gmail.com.*

**Resumo:** Este artigo descreve uma proposta de letramento desenvolvida com professoras alfabetizadoras de três escolas públicas do bairro Jardim Gramacho, localizado em Duque de Caxias, onde funcionou um dos maiores aterros sanitários da América Latina (1978-2012). Trata-se do resultado de uma pesquisa colaborativa, apoiada em cinco histórias de vida de moradoras antigas. A criação da proposta ocorreu durante o ano de 2017. A equipe de pesquisa produziu uma história infantil, que foi lida, dialogada e ilustrada pelos alunos. Percebemos que houve uma profunda identificação das crianças com a história. Elas reconheceram os locais e experiências comuns mencionadas no texto. Ficaram curiosas com as experiências de Larissa (personagem principal), que cresceu no bairro e acompanhou as transformações do local. Quiseram não apenas ler a história, mas aprender sobre a vida das pessoas e as mudanças que ocorreram no local através do tempo. Houve também interesse dos familiares, tendo em vista a escassez de obras sobre a história local. Concluímos que o processo de letramento, mesmo com crianças pequenas, pode assumir um papel importante no enfrentamento das injustiças ambientais, lançando mão de histórias de vida e literatura infantil para revelar as desigualdades, produzindo novas formas de ler o mundo e as palavras.

**Palavras-chave:** Memória; Letramento; Cidadania; Jardim Gramacho.

### **Introdução**

Este artigo descreve uma proposta de letramento desenvolvida com professoras alfabetizadoras de três escolas públicas do bairro Jardim Gramacho, localizado em Duque de Caxias, onde funcionou um dos maiores aterros sanitários da América Latina (1978-2012). Partimos do pressuposto de que a alfabetização deve ser compreendida como a reflexão a respeito do “encontro das consciências”, uma prática de liberdade capaz de fazer o educando refletir sobre si mesmo e o mundo (FREIRE, 1967, p.142). Nessa perspectiva, se evidencia a importância fundamental da comunidade em que a criança está inserida bem como as práticas sociais existentes no processo de letramento. Assim, a proposta desenvolvida busca uma aproximação do letramento com a realidade vivida pelas crianças, o que foi potencializado por meio da história oral de cinco moradoras antigas. Entendemos que a memória desempenha papel fundamental no letramento, já que abrange as subjetividades dos que fazem parte da comunidade local.

O objetivo desse artigo é apresentar aspectos centrais da proposta de letramento desenvolvida colaborativamente com professoras alfabetizadoras de três escolas do Jardim Gramacho e aplicada em uma turma de 1º ano do ensino fundamental de uma escola do bairro. O artigo divide-se em quatro seções: na primeira apresentaremos o referencial teórico do estudo, que explora as relações entre alfabetização, letramento e memória; na segunda seção descreveremos os procedimentos metodológicos adotados no estudo; em seguida abordaremos os principais resultados obtidos, finalizando com algumas considerações.

## **1. Alfabetização, letramento e memória**

O referencial teórico deste trabalho apoia-se, em primeiro lugar, nas proposições de Paulo Freire, pois compreendemos que o processo de alfabetização possui um caráter político e transformador, no qual a leitura do mundo compõe a leitura da palavra. Segundo Soares (2004, p.121), a obra de Paulo Freire foi uma das primeiras a considerar a “alfabetização como conscientização, politização, meio de tornar o homem consciente de sua realidade e de sua possibilidade de transformá-la” evidenciando nessa perspectiva a dimensão social do letramento. Assim podemos afirmar, conforme Soares (2004, p. 122), que Paulo Freire “criou e, de certa forma, inaugurou uma nova concepção de alfabetização que revolucionou as concepções até então em circulação”. De acordo com Pérez (2007, p.49), “[...] cotidianamente, o homem recria seu espaço de viver. Portanto, uma educação voltada para a prática da liberdade deve centra-se na experiência vivida”, alicerçando-se na cultura local que é criada e recriada todos os dias.

Aprender a ler, a escrever é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo; compreender seu contexto, localizar-se no espaço social mais amplo, a partir da relação linguagem-realidade. O processo de alfabetização se realiza no movimento dinâmico entre palavra e mundo: a palavra dita flui do mundo carregada de significação existencial: “palavramundo” – a mais perfeita tradução do acontecer humano. (PÉREZ, 2005, p.24)

Verifica-se dessa forma que a alfabetização transcende o ato mecânico de codificação e decodificação de palavras, caso contrário ensinaríamos as crianças palavras e até textos esvaziados de significado, sem nenhuma relação com o mundo que as cerca e no qual estão inseridas. A alfabetização desempenha a função de elo entre a realidade (mundo) e a linguagem, tanto oral quanto escrita (palavra). Assim, “alfabetizar na perspectiva da leitura do

mundo” significa “valorizar a sabedoria que resulta das experiências culturais locais da criança em torno de si-no-mundo e de si-com-o-mundo” (PÉREZ, 2007, p.107). A alfabetização precisa ser compreendida como “uma das práticas de letramento da nossa sociedade, embora possivelmente a mais importante, até mesmo pelo fato de ser realizada pela também mais importante agência de letramento, a instituição escolar” (KLEIMAN, 2007, p.2).

Se os admiradores da educação, os professores, os alfabetizadores, compromissados que devemos ser com a construção de uma sociedade mais democrática, em que o exercício da cidadania seja plenamente garantido a todos, não assumirmos vigorosamente a reflexão sobre a alfabetização no quadro mais amplo de seu significado social, político, cultural, e de seu substrato ideológico, nossa atuação poderá continuar marcada pelo divórcio entre a alfabetização e a conquista de direitos sociais, civis e políticos – entre alfabetização e cidadania. (SOARES, 2004, p.59 e 60)

É importante salientar que a tarefa de aliar alfabetização e cidadania não pertence somente aos professores alfabetizadores, mas a todos que se colocam a serviço da educação. Dessa forma, engloba todos que compõem a comunidade escolar como professores, equipe diretiva e pedagógica, demais funcionários da unidade, alunos e suas famílias e também a comunidade do entorno da escola.

Neste sentido, consideramos que a memória local deve compor o processo de letramento das crianças. Segundo Le Goff (1990, p. 477) a memória tem a função de conservar e atualizar informações sendo alimentada pela história e “procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. A memória é carregada de sentimentos, percepções, conflitos e referências construídas, não a partir da subjetividade, mas das subjetividades. A construção da memória sobre o Jardim Gramacho, por meio de uma proposta de letramento, visa aproximar a leitura do mundo e a leitura das palavras em meio a crianças ainda tão impactadas pela presença ostensiva do lixo e da pobreza.

## **2 Construindo colaborativamente uma proposta de letramento: percurso metodológico**

A pesquisa que desenvolvemos durante o ano de 2017 tem abordagem qualitativa, colaborativa e deu origem a dois produtos: 1) um pequeno banco de histórias com histórias de vida de cinco moradoras do bairro Jardim Gramacho; 2) uma proposta de letramento

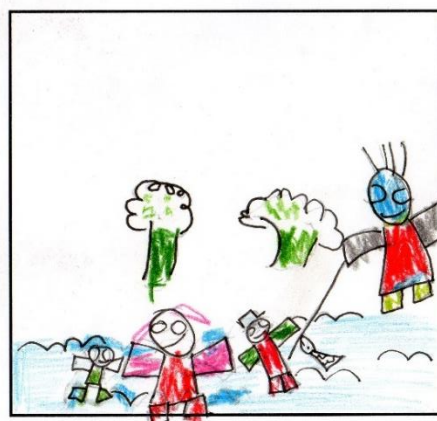
concebida em diálogo com três professoras alfabetizadoras e implementada em uma escola pública que atende turmas do 1º ao 9º ano do ensino fundamental. Inicialmente foram realizadas entrevistas com as professoras de três escolas. Em seguida estabelecemos um processo de colaboração mais intenso com a professora Letícia<sup>1</sup>, docente do 1º ano do ciclo de alfabetização da Escola Municipal Meu Jardim, para discussão e planejamento da proposta de letramento, que consistia numa história infantil elaborada a partir das narrativas das moradoras, abordando características do bairro Jardim Gramacho. A personagem principal da história é uma menina chamada Larissa, nome que foi escolhido pelos alunos através de uma votação. A história inicia descrevendo um bairro sem energia elétrica, telefone, água encanada, asfalto e, principalmente, sem o Aterro Metropolitano, onde era descartado o lixo de diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Havia poucas moradias, uma vasta diversidade de animais, um local de lazer conhecido como Porto, uma praia com uma faixa de areia, mas com água doce. O local possuía um extenso manguezal, que representava a continuidade do quintal da casa para as crianças, que brincavam, pescavam e catavam catanhanha (uma espécie de caranguejo pequeno que era abundante no local).

Figura 1 – Páginas do livro com ilustrações dos alunos sobre o Porto, local onde foi instalado o Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.

O PORTO ERA UMA LAGOA DE ÁGUA BEM LIMPA. ERA MUITO LEGAL. NÃO TINHA POLUIÇÃO, NEM A PRÓPRIA BAIÁ DE GUANABARA ERA TÃO POLUÍDA.



ENTÃO PODIA ATÉ TOMAR BANHO. ERA UM LUGAR MUITO LINDO. OS PAIS FICAVAM PESCANDO LÁ E AS CRIANÇAS FICAVAM TOMANDO BANHO NUM RIO DE ÁGUA SALGADA.



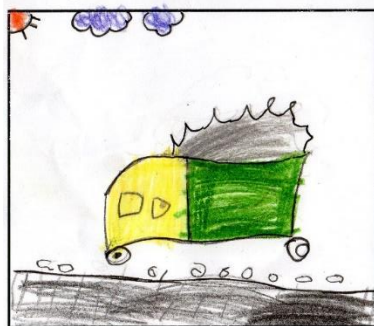
Fonte: elaborado pelas autoras.

<sup>1</sup> Utilizamos nomes fictícios para resguardar a identidade das participantes do estudo.

Larissa passa por diversas transformações tornando-se professora, engajada em questões sociais e ambientais. Enquanto o bairro vai se modificando intensamente com o aumento da população, a chegada da prestação de serviços como água, luz e telefone e sofre devido a impactos ambientais causados com a implantação do Aterro, que extinguiu o Porto e reduziu expressivamente a extensão do mangue, provocando o desaparecimento de diversos animais.

Figura 2 – Páginas do livro com ilustrações dos alunos sobre a chegada do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho e a falta de escolas.

O ASFALTO NÃO ERA PARA OS MORADORES, ERA PARA TRANSPORTAR O LIXO! LARISSA FICOU MUITO TRISTE PORQUE JÁ NÃO PODIA MAIS TOMAR BANHO NO PORTO. E COM O LIXO VIERAM DOENÇAS E A VIOLÊNCIA.



NAQUELE TEMPO, OS IRMÃOS MAIS NOVOS DE LARISSA ESTUDAVAM NO COLÉGIO ESTADUAL LARA VILELA, MAS NÃO TINHA VAGA PARA TODAS AS CRIANÇAS.



Fonte: elaborado pelas autoras.

### 3. Aprendendo a ler e escrever um outro bairro: contornos da proposta de letramento

A turma em que o estudo foi realizado possui oito meninos e dezesseis meninas totalizando vinte e quatro alunos entre seis e sete anos. Após a elaboração do texto, a professora Letícia realizou a leitura da história com a turma, discutindo e esclarecendo dúvidas e questionamentos que iam surgindo. Após a leitura, solicitou aos alunos que desenhassem a história da forma como a estavam compreendendo, proporcionando liberdade e criatividade. Reliam juntos os parágrafos da história para favorecer a compreensão. Em seguida, a docente analisou as produções da turma, recriando-as nas páginas de um livrinho impresso.

A partir da realização desse estudo foi possível notar uma forte identificação das crianças com a história, que parece ter se iniciado desde o momento da escolha do nome da personagem, ocorrido dias antes. Em diversos momentos, os alunos argumentavam o que fariam se estivessem no lugar da Larissa, demonstrando que uma relação de empatia havia sido desenvolvida. Outros fatores também propiciaram essa identificação, como a personagem residir no mesmo bairro que eles e ser uma criança vivenciando aventuras e situações do cotidiano, como ir à escola e brincar com os amigos.

A pesquisa possibilitou que as crianças conhecessem a memória do bairro Jardim Gramacho, o que representou para elas uma verdadeira descoberta, uma vez que a única história propagada no local era a do lixo. Assim, num primeiro momento, os alunos demonstraram uma certa desconfiança se o local da história era de fato o Jardim Gramacho e perguntaram à professora Letícia se ela tinha certeza que era ali mesmo.

O diálogo sobre a memória local gerou uma reflexão sobre a situação atual do bairro, acarretando um pouco de insatisfação e uma certa revolta entre as crianças com a perda da riqueza natural que poderia ser desfrutada por elas. Também ocorreu uma aproximação entre família e escola, já que diversas crianças relataram dialogar em casa sobre o que estavam aprendendo, questionando se os pais e avós sabiam onde existiu, por exemplo, o primeiro comércio do bairro. Esse outro olhar sobre o Jardim Gramacho, contando uma outra história, apresentada a partir da leitura, despertou nas crianças um outro olhar sobre si mesmos, evidenciando suas potencialidades e ampliando a perspectiva de futuro.

Educadores que se empenham no desenvolvimento do letramento pactuam com a utopia em que não existe “mudança sem sonho, assim como não há sonho sem esperança” (PÉREZ, 2007, p.53). À educação cabe a função de capacitar as classes populares a sonhar, a ter esperança e principalmente lutar para a transformação da realidade.

Assumir o letramento como objetivo do ensino no contexto dos ciclos escolares implica adotar uma concepção social da escrita, em contraste com uma concepção de cunho tradicional que considera a aprendizagem de leitura e produção textual como a aprendizagem de competências e habilidades individuais. A diferença entre ensinar uma prática e ensinar para que o aluno desenvolva individualmente uma competência ou habilidade não é mera questão terminológica. Em instituições como a escola, em que predomina a concepção da leitura e da escrita como conjunto de habilidades progressivamente desenvolvidas, até se chegar a uma competência leitora ideal, a do usuário proficiente da língua escrita. Os estudos do letramento, por outro lado, partem de uma concepção de leitura e de escrita como práticas

discursivas, com múltiplas funções e inseparáveis dos contextos em que se desenvolvem. (KLEIMAN, 2007, p.4)

As práticas de letramento são “situações da vida social” porque se constituem como “uma atividade coletiva, com vários participantes que têm diferentes saberes e os mobilizam (em geral cooperativamente) segundo interesses, intenções e objetivos individuais e metas comuns” (KLEIMAN, 2007, p.5) enquanto as práticas de letramento escolar incluem “a demonstração da capacidade do indivíduo para realizar todos os aspectos de determinados eventos” como, por exemplo, “soletrar, ler em voz alta, responder perguntas oralmente ou por escrito, escrever uma redação, fazer um ditado, analisar uma oração, fazer uma pesquisa”. (KLEIMAN, 2007, p.5)

Para que uma proposta de letramento possa ocorrer é fundamental que o professor compreenda que ela permeará a aprendizagem não sendo algo em separado do que vem sendo desenvolvido. O profissional da educação necessariamente fará uma reflexão sobre os conteúdos que poderão ser abordados a partir daquela proposta, assim o letramento servirá para dar significado ao ensino e a aprendizagem. “Embora a escola organize suas atividades em torno de temas relevantes, é interessante pensar nos projetos como projetos de letramento: planos de atividades visando ao letramento do aluno” (KLEIMAN, 2007, p.16).

### **Considerações finais**

A proposta de letramento escolhida consistiu em uma história infantil lida, debatida e ilustrada com os alunos de uma turma de 1º ano do ensino fundamental do bairro Jardim Gramacho e extrapolou os limites da escola chegando a integrar diálogos entre as crianças e seus familiares. Entretanto, essa não é a única forma de contextualizar o processo de alfabetização, podendo ocorrer a partir de inúmeras formas, como por exemplo, a elaboração de uma releitura da história lida com a escrita da história de cada criança, possibilitando que ela se perceba como parte integrante do local. Também é possível utilizar todo o conteúdo presente na história infantil de forma interdisciplinar, integrando palestras e oficinas.

A Professora Letícia revelou interesse em dar continuidade ao trabalho desenvolvido e as crianças demonstraram o desejo de conhecer a Larissa, personagem da história e, dessa forma almeja-se realizar um encontro e a revelação de que não existe apenas uma Larissa, mas várias “Larissas”, já que a personagem foi construída a partir das narrativas das

moradoras. Sonhamos com o momento em que todas as crianças sejam Larissa(s), movidas pelo desejo de lutar por melhorias para si mesmas e para o bairro, sem se conformar com a realidade que as cerca, realizando tanto a leitura do mundo quanto a leitura da palavra. E acima de tudo, podendo sonhar...

## Referências

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

KLEIMAN, Angela B. **Preciso “ensinar” o letramento?** Não basta ensinar a ler e a escrever? Coleção Linguagem e letramento em foco: linguagem nas séries iniciais. Ministério da Educação. Cefiel/IEL. UNICAMP, 2005-2010. 65 p.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão ... [et al.] -- Campinas, SP: UNICAMP, 1990. Disponível em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf> Acesso em: 01 jun. 2016.

PÉREZ, Carmen Lúcia Vidal. **Alfabetização para além do método** – uma sintaxe freiriana. Revista Moçambás: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 1, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.mocambas.org>. Acesso em: 10 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Ler o Espaço para Compreender o Mundo**: algumas notas sobre a função alfabetizadora da Geografia. Revista Tamoios— Julho / Dezembro 2005, Ano II, nº02. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/646/681>. Acesso em: Mar. 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. 6. Ed., 7ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015. (Primeira Edição: 2004)

\_\_\_\_\_. **Alfabetização e Letramento**: Caminhos e descaminhos. In: Revista Pátio, fevereiro de 2004. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf> Acesso em: Fev. 2016.

\_\_\_\_\_. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Revista Brasileira de Educação. Nº 25 Jan /Fev /Mar /Abr 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf> Acesso em: Fev. 2016